

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

A CLÍNICA-ESCOLA E OS RISCOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PACIENTE: UM OLHAR AO PROCESSO DE RESTABELECIMENTO DA DEMANDA¹

THE SCHOOL CLINIC AND THE PATIENT'S INSTITUTIONALIZATION RISKS: A LOOK AT THE DEMAND RESTORATION PROCESS

Micheli Rohr², Tania Maria de Souza³

¹ Resumo sobre a experiência em Psicologia e Processos Clínicos da graduação em Psicologia do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

³ Professora Mestre do curso de Psicologia da Unijuí.

INTRODUÇÃO

A inserção na clínica-escola, por ser uma primeira aproximação com a prática, permite profícuas experiências e construções sobre o fazer clínico. Ao pensar o trabalho clínico, se colocou a importância da articulação entre desejo e demanda daquele que busca o tratamento psicológico. É necessário que se estabeleça uma demanda inconsciente, uma implicação do sujeito com o seu sintoma. A partir dos desdobramentos da experiência na clínica-escola, questiona-se a respeito do reestabelecimento da demanda do paciente no momento em que um novo estagiário passa a conduzir o trabalho.

Palavras-chave: Psicoterapia; Interrogação; Sujeito.

Keywords: Psychotherapy; Interrogation; Subject

METODOLOGIA

O presente trabalho surge como desdobramento da escuta clínica, na clínica-escola, a partir da experiência em Psicologia e Processos Clínicos. Para a construção do mesmo, considera-se questionamentos que surgiram no início da experiência. Para as discussões, utiliza-se como referencial a linha teórica da Psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao pensar o trabalho de psicoterapia e seus deslizamentos, observa-se como fundamental a articulação entre desejo e demanda. É a partir dos desdobramentos dessa articulação que o sujeito adquire possibilidades de elaboração e garante sua posição de sujeito no trabalho clínico. O estabelecimento da demanda, por parte do sujeito, é o ponto que vai possibilitar a psicoterapia, sendo que é a partir da demanda que se desenrola o desejo. “O fato de procurar uma clínica não significa, em absoluto, que se trata de uma demanda de análise” (DANZIGER; BIAZIN, 2012, p.1) Para que haja uma demanda, é necessário que o sujeito faça um importante movimento de implicação com o seu sintoma e com o trabalho, passando da queixa à formulação de uma questão “O que o Outro quer de mim?”.

Segundo Quinet (1991), é preciso que o sujeito transforme a si mesmo em um enigma para que a regra fundamental da associação livre seja posta em cena. O pedido de cura endereçado ao analista pelo paciente não é o suficiente. É preciso que a queixa se transforme numa demanda

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

endereçada àquele analista e que o sintoma se transforme em questão a ser decifrada pelo sujeito. (VASCONCELOS; REBOUÇAS; ALBUQUERQUE, 2017, p.50)

Se o paciente não estiver implicado com o seu sintoma, se não existir demanda ou se esta for de terceiros, não há a possibilidade de um trabalho clínico. Em vista disso, objetiva-se pensar o estabelecimento e reestabelecimento da demanda na clínica-escola a partir de peculiaridades da instituição.

A clínica-escola, por pertencer à instituição universitária, possui particularidades que, ao permearem a prática, devem ser consideradas. O tempo cronológico é um dos pontos que merece destaque, pois, mesmo tendo como ponto de partida o tempo subjetivo de cada sujeito, a duração do ano letivo é o que define o período de prática dos estagiários na clínica-escola. A cada ano, novos graduandos são inseridos na clínica e dão início às suas práticas de estágio. A partir disso muitos pacientes acabam tendo contato com mais de um estagiário no decorrer do trabalho clínico.

Ao pensar a relação estabelecida entre o profissional e o paciente, considerando o valor desta para o trabalho clínico, é fundamental observar que, por envolver sujeitos constituídos subjetivamente, ela sempre será única. Mannoni (2004, p.35) refere que o analista “pela sua presença, vai ajudar um indivíduo a articular a sua demanda, a constituir-se na sua fala em relação à sua história, para, finalmente extrair, a partir de uma certa sequência, uma mensagem em que poderá ser veiculado um sentido”. É importante destacar que o trabalho apontado pela autora acontece de diferentes formas em cada relação transferencial, portanto, a “substituição” de um profissional/estagiário por outro, implica na construção de um novo vínculo e de um reestabelecimento da demanda por parte do sujeito.

A partir da experiência de escuta clínica, proporcionada pela vivência na clínica-escola, tornou-se possível o questionamento a respeito da demanda e seu processo de reestabelecimento. Na clínica-escola é comum encontrar pacientes que frequentam a instituição por um tempo prolongado, o que merece atenção por parte dos estagiários. Se, no momento de inserção dos novos estagiários, o trabalho clínico com determinado paciente é tomado simplesmente como continuidade de trabalhos anteriores, corre-se o risco do paciente permanecer por muito tempo na instituição sem possuir uma demanda clínica.

Por meio de profícuas discussões, pensa-se no risco de institucionalização que se pode correr ao dar continuidade ao trabalho de um paciente sem fazer o mesmo se questionar sobre ele. A partir dessas questões, busca-se pensar o fenômeno da institucionalização e suas consequências para a vida do sujeito.

A institucionalização é um fenômeno de grande relevância histórica, possibilitando, principalmente a partir da existência de hospitais psiquiátricos e a utilização de práticas abusivas, pensar o percurso de sofrimento e anulamento subjetivo enfrentado historicamente. Sonia Leite (2011) desenvolve importantes reflexões a respeito da expansão e ascensão do discurso médico no campo social e da influência deste no tratamento das doenças mentais. A autora destaca que a psiquiatria esteve desde o início atrelada à busca pelo processo de cura, destacando métodos e práticas “tendo como base o modelo descritivo e classificatório oriundo da medicina clássica” (LEITE, 2011, p.16).

Nesse contexto, a doença mental passa a fazer parte da lógica que difere o normal do patológico e que se utiliza de tratamentos moralizantes. Calar o sintoma por meio de práticas abusivas e violentas, desconsiderando a singularidade do sujeito, era o que se utilizava, buscando fazer com que o louco deixasse de ser louco. (LEITE, 2011).

A luta da reforma psiquiátrica permite grandes considerações a respeito da institucionalização e seus

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

desdobramentos na vida do sujeito. Ao ser institucionalizado em um hospital psiquiátrico o sujeito pode se tornar subordinado a este, perdendo a autonomia e, conseqüentemente, a possibilidade de se interrogar sobre o seu sintoma. Belini e Hirdes, a partir das falas de profissionais que acompanharam o movimento de pacientes institucionalizados, apontam que:

Percebe-se que essas situações de dificuldades foram incorporadas e intensificadas pelas pessoas com transtorno psíquico por permanecerem em um lugar extremamente fechado. De alguma forma, tiveram suas vidas roubadas pela doença mental, pois não exerciam liberdade nenhuma de escolha, não tinham possibilidade de cuidar de si mesmos e nem de exercer dignamente sua cidadania. (2006, p.564)

É importante destacar que a institucionalização do paciente pode ocasionar um deslizamento da posição de sujeito, a partir da qual o paciente fica alienado à instituição e impossibilitado de constituir sua própria demanda. A partir desta posição, da qual não se interroga e se submete ao outro, o paciente pode acabar sendo visto como parte da instituição e como aquele com que nada se tem a fazer.

Outro ponto relevante a ser considerado é a dificuldade de recuperar a autonomia após um período de institucionalização. Pensando no contexto clínico, é como se o paciente não conseguisse mais elaborar suas questões sem comparecer à clínica. Belini e Hirdes discorrem que:

Entretanto, o entrevistado reconhece que uma pessoa com uma longa internação psiquiátrica, na qual foram abolidos o desejo, a subjetivação, a negação aos aspectos mais elementares do seu cotidiano e, sobretudo, a liberdade, quando esta reencontra estes elementos, muitas vezes não consegue desfrutar da autonomia que lhe é restituída. (2006, p.565)

A partir do exposto, temos a possibilidade de pensar a institucionalização para além dos hospitais psiquiátricos, e como ela pode estar presente na prática clínica. Se o paciente não possui uma demanda para o trabalho clínico cabe ao profissional identificar e dar os encaminhamentos necessários para o que o sujeito não se aliene à instituição e consiga elaborar suas vivências sendo independente dela.

Na clínica-escola, por suas peculiaridades, é necessário que se tenha um olhar ainda mais cuidadoso aos pacientes que já frequentam a instituição por um longo tempo. O trabalho a ser feito com o paciente deve iniciar já no período de desligamento do estagiário, próximo ao fim do ano letivo, buscando a reformulação da demanda para que esta permaneça ao lado do paciente. Do contrário, o paciente poderá supor uma demanda do estagiário, para que ele continue na clínica, e retornar em nome dessa transferência. Já no momento de inserção de novos estagiários, no início do ano seguinte, estes devem ter em vista que, mesmo sendo com um paciente que já frequentava a clínica, um outro trabalho deve ter início e o vínculo e a demanda devem ser restabelecidos.

Se esta reformulação não acontece, os pacientes podem permanecer por anos na clínica sem possuírem uma demanda de trabalho. Desta forma, a institucionalização e a alienação do paciente à instituição podem acontecer, resultando em um deslizamento do paciente ao lugar de objeto, este que sempre necessitará da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

A partir do exposto no presente texto, torna-se evidente que o fenômeno de institucionalização pode se tornar um risco limitador e de anulação do sujeito, e que o mesmo pode estar para além dos hospitais psiquiátricos. Na clínica-escola, é importante que os estagiários atentem para essa questão, sendo que existem algumas expressões que podem alertar para o risco de institucionalização do paciente. Alguns pacientes podem apontar que decidiram continuar o trabalho clínico porque é bom vir até a clínica e ter com quem conversar, ou até mesmo os pais podem querer seguir trazendo o filho porque o trabalho ajudou em determinada situação e querem prevenir algo. A partir disso, reitera-se a importância da construção de uma demanda para a realização do trabalho clínico. Dar continuidade ao trabalho apenas pelo motivo de ter alguém para conversar, ou como prevenção, pode favorecer o processo de institucionalização, ou seja, o sujeito precisará da clínica para lidar com todas as situações de sua vida, o que pode acabar o privando da posição de sujeito.

REFERÊNCIAS

BELINI, Marya Gorete; HIRDES, Alice. Projeto morada São Pedro: da institucionalização à desinstitucionalização em saúde mental. Texto contexto – enferm., Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 562-569, dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2020.

DANZIGER, Bruna C. de Oliveira; BIAZIN Rafael dos Reis. A psicanálise no contexto da clínica-escola. Anais V CIPSI, Maringá, 2012. Disponível em: <http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/view/731/402>. Acesso em: 01 jun. 2020.

LEITE, Sonia. Angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MANNONI, M. A primeira entrevista em psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Campos, 2004.

VASCONCELOS, Luize Lara Gomes de; REBOUÇAS, Daysiane Pereira da Silva; ALBUQUERQUE, Kelly Moreira de. A função das entrevistas preliminares na clínica psicanalítica com crianças. Revista InterScientia, v. 5, n. 1, p. 47-63, 4 dez. 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/7754/3c6801791369f6ff3b2eb0c9fbc71f4284e1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Parecer CEUA: 4338191018

Parecer CEUA: 1.850.054?2016